

GENEALOGIA

FAMÍLIA QUEIROZ — FERREIRA DE BEBERIBE — OS FACÓS

BOANERGES FACÓ

V

O capítulo anterior (IV) encerrou-se com os nomes dos filhos do Capitão Antônio Pereira de Queiroz e de sua mulher dona Helena de Oliveira Maciel, tendo falecido Antônio Pereira, a 10 de julho de 1774, em consequência de um fogo na fazenda **Curralinho**, e dona Helena veio a falecer somente em 1811, 37 anos depois do marido, na fazenda **Casa Forte**, de propriedade de seu filho Antônio Pereira de Queiroz Lima, casal da **Serra Azul**; e mais os filhos de Baltasar Lopes Barreira e sua mulher Antônia da Silva Barbosa e Sá, que constituíam o casal de **Quixinxé**.

Essas duas famílias sertanejas entrelaçaram-se com outras por vários casamentos, de que descendem os Queiroz-Ferreira e, consequentemente, os Facós. A ascendência alienígena — portuguesa — dos Queirozes com os seus entrelaçamentos com os Cavalcante — Vasconcelos, de Pernambuco, e com os Correia de Araújo, do vizinho Estado do Rio Grande do Norte, consta dos quatro capítulos dêste livro, publicados nos n.ºs. 27 e 28 da Revista da Academia Cearense de Letras, desde o primeiro Queiroz, vindo de Portugal para o Brasil no ano de 1630, Manuel Pereira

de Queiroz, meu settimavô, até o cearense Antônio Pereira de Queiroz, meu quartavô.

Os novos casamentos entre os filhos dos casais da Serra Azul e de Quixinxé trazem à ascendência dos Queiroz-Ferreira o sangue aborígine — indiano, trazido por Antônio Barbosa de Sá mulher do português Baltasar Lopes Barreira, que era trisneta de Estêvão Barbosa, antigo cacique de Aldeia-Natal, ora capital do vizinho Estado do Rio Grande do Norte. É que Francisca Pia-ba de Cunhaú, filha de Estêvão Barbosa e de sua mulher Rita da Estrêla, caldeara o seu sangue indígena com o de Portugal, com o seu casamento com o luso Custódio de Brito, casamento que lhe trouxe o nome de Francisca Barbosa de Brito.

Dêsse novo casal veio a mameluca Antônio Rita de Brito, que contraiu matrimônio com o português Lourenço Sá e Sousa, dos quais nasceu a menina Maria Joana Barbosa de Sá, que uma vez núbil, se casou com o luso Filipe Santiago da Silva, pais de Antônio Barbosa de Sá, mulher de Baltasar Lopes Barreira, da fazenda Quixinxé.

Vários filhos do casal de Quixinxé, Baltasar Barreira e Antônio de Sá, que já traziam no sangue pequena parcela de sangue aborígine, casaram-se com moços estranhos, que foram ascendentes dos Queiroz-Ferreira, de Beberibe, e de grande número de famílias cearenses: Joana Lopes Barreira com o Tenente-Capitão-mor de Aquirás Francisco Xavier da Costa, de origem lusitana; José Lopes Barreira com Isabel Maria de Jesus, filha de Antônio Pereira e dona Helena Maciel; Ana Maria do Carmo com o Alferes José Ferreira do Vale Filho, de Russas, filho do português José Ferreira do Vale e de sua mulher Joana de Freitas; Inácio Lopes Barreira com Joana Batista de Queiroz, filha também de Antônio Pereira e Dona Helena; e Leandra Maria Lopes Barreira com Antônio Pereira de Queiroz Lima, ainda filho de Antônio Pereira e Dona Helena.

Verifica-se assim que houve três casamentos entre filhos de Baltasar e Dona Antônio e de Antônio Pereira e Dona Helena e que os novos casais fixaram residência nos sertões, onde já

moravam, quando solteiros: José Barreira e Isabel de Jesus ficaram na fazenda Quixinxé, Inácio Lopes e Joana Batista fixaram residência na fazenda Tapuiará e Antônio Pereira Filho e Leandra Maria foram morar na fazenda Casa-Forte, às margens do Sitiá, enquanto Francisco Xavier da Costa e sua mulher Joana Barreira e José Ferreira e Ana Maria fixaram residência em Aquirás e Cascavel, dos quais tratarei oportunamente.

Entre estas famílias continuou a íntima amizade, já existente entre os seus maiores, dada a íntima relação de parentesco existente entre elas. Houve novos casamentos entre êsses primos carnais, de modo que se manteve, através dos anos, a mesma amizade que os unia e os tornava dia a dia mais fortes e respeitados no meio rural em que viviam.

Já estavam constituídas essas novas famílias quando lhes sobreveio a *sêca-grande*, de 1790-1793, que levou vários de seus membros às terras de Aquirás, que compreendia também as terras que mais tarde (1833) formaram o município de Cascavel, onde José Lopes Barreira possuía boas terras de alagadiço. Entre os Queirozes, vindos de Quixadá, na "*sêca-grande*", veio José de Queiroz Lima, irmão mais moço de Antônio Pereira de Queiroz Lima, dono da fazenda Casa-Forte. Terminados os terríveis efeitos da crise climática voltaram os Queirozes às suas antigas residências, mas alguns permaneceram nas terras litorâneas entre os quais se conta José de Queiroz, que ali contraiu matrimônio com Inácia Xavier da Costa, filha do Capitão-mor Francisco Xavier da Costa e de sua mulher Joana Lopes Barreira, filha do primitivo casal de Quixinxé — Baltasar Lopes Barreira e Antônio Barbosa de Sá.

José de Queiroz Lima, uma vez casado com dona Inácia da Costa, fixou residência em terras de Cascavel e continuou com criação de gados na fazenda Curralinho, no alto Sitiá, antiga fazenda de seus pais, Antônio Pereira de Queiroz e Helena de Oliveira Maciel.

Os descendentes dos casais da Serra Azul, do Quixinxé, de Tapuiará e da Casa-Forte, irmãos, tios, sobrinhos e primos

entre si, quebrando a linha de imparcialidade na política, que haviam mantido os seus maiores, tomaram parte ativa e decisiva nos movimentos liberais do comêço do século passado...

A transformação profunda por que passara a velha Europa, no fim do século XVIII, com a monarquia de "direito divino" para a república de "vontade popular", refletiu-se no Novo Mundo, onde portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e ingleses, que tanto se guerrearam entre si, tinham as suas colônias que tanto lhes rendiam.

Foi a Revolução Francesa que fêz desaparecer o governo das monarquias absolutas na velha França, onde as guerras religiosas culminaram com a "noite de São Bartolomeu", cavaram abismos profundos entre a idéia nova e o passado; a Espanha inquisitorial, que com o seu absolutismo monárquico, com um Filipe II que também reinou sobre Portugal, outrora cavalheiresco e épico com a Renascença e Luiz de Camões, se tornou, absoluto e inquisitorial, com um Dom João II e um Dom João V, de caiu também de seu esplendor. Foi a Revolução Francesa que levou à guilhotina "clero, nobreza e povo", inclusive o seu rei Luiz XVI, que foi o bode expiatório de todos os pecados do Regente e Luiz XV. Fêz o que a Inglaterra fizera com o seu rei há mais de um século (1649). Os reis governavam o país e as favoritas governavam os reis de França...

Este estado de cousas refletiu-se sobre a América. Os sonhos de liberdade e independência das colônias madrugaram nas colônias inglesas da América do Norte (1776) auxiliadas pelos revolucionários franceses. Seguiram-se-lhes a liberdade e independência das colonias espanholas e portuguesas.

Nessa transição entre o século XVIII e o século XIX surgiu um novo Alexandre, conquistador da Europa "civilizada", à semelhança do que se passara entre a Grécia artística e a Roma guerreira com a Macedônia de permeio, Napoleão Bonaparte, que na época contemporânea reproduz o que se passara na antiguidade clássica...

Mas o sonho de domínio universal de Napoleão falhou como

acontecera a Alexandre Magno. Roma obstou o sonho do antigo conquistador, que se aniquilou em orgias na Babilônia, e um simples braço de mar desfez os sonhos de Bonaparte, braço de mar que também conteve o gorducho Hermann Goering com a sua temível e poderosa Luftwaffe. . .

Napoleão teve a sua capitulação no Congresso de Viena, complemento de Waterloo e o sonho de liberdade e independência das colônias americanas continuou. E Dom João VI, o mais fino e sagaz dos Bourbons na época, realizando sonho antigo, transferiu a sede do reino de Portugal para a América e escapou das garras de Napoleão, o que não aconteceu a seu sogro e cunhado de Espanha, que ficaram como joguetes às mãos de Bonaparte. Mas Dom João, ao lado dos benefícios proporcionados à Colônia, guardava o absolutismo de sua dinastia, avêso a qualquer princípio liberal ou constitucional. . . A Colônia, em contacto direto e constante com o que se passava na velha Europa, fêz arrebentar a revolta nativista de 1817, em Pernambuco, em 6 de março do referido ano, em que a palavra de Manuel de Carvalho Paes de Andrade frisa, precisamente, o antagonismo então existente entre os "patriotas" (brasileiros) e os "marinheiros" (portuguêses) — "República e só República! E morra para sempre a tirania real!"

Araripe Júnior, no prólogo da 2ª. edição da **História do Brasil**, de João Ribeiro, salienta o fracasso de Paes de Andrade nas suas idéias liberais. Mas êle estava cercado de figuras liberais destemidas, que eram incapazes de ceder uma só linha, mesmo em face da força... Aí estão o Padre João Ribeiro Pessoa, antigo professor no Seminário de Olinda, com quem estudou o futuro padre, político e administrador José Martiniano de Alencar; José Inácio de Abreu Lima, o Padre Roma; Miguel Joaquim de Almeida, o Padre Miguelinho e outras figuras notáveis do movimento inevitável, dado o antagonismo dia a dia mais acentuado entre portuguêses e brasileiros, provocado sobretudo pelos militares portuguêses "que, grosseiros, soberbos e prepotentes por tôda a parte vão semeando o rancor e a cólera". Esse an-

tagonismo é que fez o Brigadeiro Barbosa, oficial português, ser atravessado pela espada do **Leão-Coroado**, oficial brasileiro, comandado daquele.

Por isso frisa João Ribeiro que, enquanto rolava o movimento nativista de Pernambuco, a revolução do Pôrto trabalhou contra o representante inglês de Dom João em Portugal e a favor da constitucionalização do país, com a volta de El-Rei, revolução vitoriosa em Lisboa três anos mais tarde (1820); e o movimento nativista de Pernambuco também vitorioso no Brasil, acrescento eu, com a saída de Dom João e entrega do poder a Dom Pedro, na qualidade de Príncipe Regente, que fazia causa conosco. É ainda João Ribeiro que escreve com justeza: "Ninguém mais acreditava nas teorias antigas do **direito divino** e da **aliança do trono e do altar**; ao contrário, em sua essência, o cristianismo está ao lado da fraternidade e da igualdade e foi, decerto, to, a grande alavanca da democracia moderna." ("História do Brasil," 2ª. ed. pág. 321).

Dom Pedro, poucos anos mais tarde, em 1825, agia contra nós de maneira mais cruel do que Dom João. É que lhe corria nas veias, como nas do pai, o sangue do Rei-Sol de França e do Rei-Fidelíssimo de Portugal. Viriato Correia, escrevendo sobre as revoluções de "17" e "24", equipara os dois, quando os chama de "tôrvo" e "sinistro".

Veio pregar a revolução, no Ceará, o seminarista José Martiniano de Alencar, o que fez no Crato, no seio dos parentes e amigos, tendo contra si José Pereira Filgueiras, que foi o grande companheiro de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, mudando de idéias e princípios nos 8 anos que decorreram entre os movimentos nativistas de "17" e "24". Era a luta sem tréguas pela emancipação política da Colônia por parte dos "patriotas" e pela recolonização da mesma por parte dos "marinheiros".

O movimento revolucionário de 3 de maio de 1817, chefiado por Martiniano de Alencar, foi abafado a 11 do mesmo mês por Pereira Filgueiras, que, homem sem cultura e pouco descortino intelectual, se deixou vencer mais pela argumentação de

Leandro Bezerra Monteiro do que por antipatia à “república” e amor à “realeza”.

Esse movimento revolucionário fracassado e a marcha sobre Caxias (1823) em que Tristão e Filgueiras já estavam irmanados pelo mesmo ideal e princípios, aproximaram e identificaram os pensamentos políticos das Famílias Alencar e Queiroz, de modo que na **Confederação do Equador** combateram ambas pelo liberalismo e pelo republicanismo.

Assim, José de Queiroz Lima e seu irmão Miguel José de Queiroz faziam parte dos “monstros”, dignos de força, da lista de Costa Barros; José de Queiroz Lima e seus genros Pedro de Queiroz Lima e João Aires da Silva Olival ficaram prisioneiros em Santa Rosa; Manuel de Queiroz Lima Filho sacrificou a própria vida em Santa Rosa; Antônio Francisco de Queiroz Jucá e seu irmão Baltasar Lopes de Queiroz foram fortemente perseguidos; e assim muitos outros membros da família Queiroz, em poder dos quais, na **Casa-Forte**, Tristão Gonçalves deixou mulher e filhos, quando seguiu para Santa Rosa, onde foi assassinado a 31 de outubro de 1824.

Quanto sonho, quanto amor à liberdade, quanta ousadia, quanto patriotismo nestas páginas da **História do Ceará!**... Leia-se esta efeméride do Barão de Studart: “A Câmara, clero, nobreza e povo da vila de Campo Maior (Quixeramobim), da comarca do Crato, declararam decaída a Dinastia Bragantina e proclamaram o governo republicano. Filgueiras assume o comando das forças da Província (9 de janeiro de 1824)”.

Era tal o amor à liberdade e à independência da Colônia que Rocha Pombo escreve: “O que dominava toda a alma daquelas últimas gerações do período colonial era o sentimento da pátria, a aspiração da independência, e ao ponto de não cogitarem elas de questões secundárias de forma de governo, e nem mesmo de processo, dispostas a aceitar os mais fáceis e mais prontos que a sua fortuna lhes proporcionasse” (“História do Brasil”, Vol. VII, pág. 342).

Leia-se esta página de José Facó, contida no seu Protocolo

da Comissão de Chefe de Polícia ao Crato, de 18 de agosto a 30 de setembro de 1882: "Ao bater das patas do meu cavalo sobre o chão de pedras, e à vista desses belos serrotes que coroam os campos e mergulham a frente calva, como a dos patriarcas, no azul assetinado e profundo do céu (Quixadá), minha alma povoa-se de ilusões, parecendo ouvir o tinir das armas e descortina na penumbra dos tempos que foram as ações heróicas daqueles de quem procedo; e eu sinto incendiar-se-me o mesmo sangue que lhes corria nas veias.

"Releio as fases dessas vidas, como as estrofes de um poema, em cada pedra do caminho, em cada leito dessecado das torrentes.

"Escalo o despenhadeiro, tomo lugar ao lado deles na bela e espaçosa gruta do serrote da "Casa-Forte", verdadeira sala de armas no meio do sertão, onde sonhou-se a "República do Equador", como nas Astúrias — a liberdade da Espanha". (Rev. do Instituto do Ceará, 1957, pág. 108).

Eu não poderia passar, através destas páginas de genealogia, por Quixadá — núcleo central dos Queirozes, sem render homenagens a tão veneráveis quão assombrosos manes de tão venerável quão assombrosa gente!...

* * *

O General José Clarindo de Queiroz, o primeiro governador constitucional do Ceará republicano, deposto pelo Marechal Floriano Peixoto que galgara o governo supremo da República por um golpe de Estado, era bisneto do Tenente de Milícias do "Tapuiará", Inácio Lopes da Silva Barreira e de sua mulher Joana Batista de Queiroz.

Inácio Lopes de Queiroz Barreira, filho mais velho do casal do "Tapuiará", era casado com Mariana Barbalho, de Pernambuco, e são avós do General Clarindo de Queiroz. O Tenente Inácio Lopes de Queiroz, filho do último casal e casado com Ana Inácio Rabelo, são os pais de General Clarindo.

Ana Rabelo, mãe de José Clarindo, era filha de Manuel Ferreira Rabelo e de sua mulher Maria Francisca de Farias. Por sua vez, Manuel Rabelo era filho do Capitão-mor Mateus Rabelo e de sua mulher Filipa da Conceição Rabelo; e dona Francisca de Farias era filha do Capitão-mor José Pedro de Farias e de sua mulher Francisca Sebastiana de Farias, os quais são avós e bisavós, pelo lado materno, do General José Clarindo de Queiroz.

* * *

Nota. O título dêste livro é "Família Queiroz - Ferreira de Beberibe. Os Facós." A palavra Genealogia é posta nêle pela redação da Revista para distinção de suas diversas seções.

(CONTINUA)